

## A SEGURANÇA DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA/PB

Loredanna Souza<sup>1</sup>; Ana Mendonça<sup>2</sup>; Maria Matias<sup>3</sup>; Ana Tavares<sup>4</sup> Conrado Silva<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande, [loredannamcs@gmail.com](mailto:loredannamcs@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande, [ana.duartemendonca@gmail.com](mailto:ana.duartemendonca@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande, [mariaalinnematias@hotmail.com](mailto:mariaalinnematias@hotmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Campina Grande, [nobregaleticia4@gmail.com](mailto:nobregaleticia4@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Campina Grande, [cesar.vtr@hotmail.com](mailto:cesar.vtr@hotmail.com)

### Introdução

A indústria da Construção Civil é uma das áreas que expõe as piores condições de segurança, por esse motivo apresenta uma das mais elevadas taxas de acidentes. No Anuário Estatístico da Previdência Social (2014) a área da construção civil teve o quarto maior número de acidentes de trabalho, mesmo tendo uma redução de 4,28% comparada ao ano de 2013 o índice ainda é muito alto, devido ainda ser responsável por 8,48% de todos os acidentes em todas as áreas ocorridos no país (EBC, 2016).

As principais causas desse número elevado dos acidentes não são só as falhas ambientais (ruídos, desorganização, falta de ventilação), mas principalmente a desobediência às normas de segurança de trabalho, a exemplo da não utilização ou do uso de maneira incorreta de equipamentos individuais de proteção, de instalações provisórias inadequadas, etc. As empresas também são grandes contribuintes devido à demora a investir na área de segurança. Sabendo-se dessa problemática da crítica segurança de trabalho na construção civil, houve a motivação para desenvolver um estudo onde o intuito é avaliar as condições de segurança nas obras no município de João Pessoa – Paraíba e mostrar que para reverter essa atual estatística é necessário que os empregadores forneçam aos operários conhecimentos sobre a segurança no trabalho, para que assim eles possam conscientizar e aplicá-los na sua atividade. Além disso, uma fiscalização, apropriada e eficiente, do cumprimento das normas e a sua aplicação correta.

### Metodologia

Na pesquisa aplicada, a coleta de dados foi efetuada com trabalhadores da área de construção civil, no período de setembro e outubro de 2016, através de entrevistas semi-estruturadas. Foram visitadas 4 grandes obras da cidade de João Pessoa e o número de entrevistados foi de 170 funcionários. A amostra de entrevistado foi estabelecida a partir da população de empregados na engenharia civil na cidade, que é na média de 24000 trabalhadores, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED, 2016). Com um nível confiança de 95% e um erro amostral possível de 6% para mais ou para menos.

A estrutura da entrevista decorre a partir de perguntas sobre características pessoais e perguntas referentes ao ambiente de trabalho, sendo elas executadas informalmente a partir de conversas. Realizaram-se observações sobre o ambiente e processo de trabalho. Executou-se ainda algumas entrevistas com donos de construtoras da cidade, com o objetivo de obter informações sobre como os mesmos tratam o tema de segurança do trabalho em suas respectivas obras.

Através dos dados coletados, procurou-se avaliar as condições do ambiente de trabalho, para assim poder compreender os motivos das ocorrências dos acidentes e quais foram suas consequências geradas.

### Resultados e discussão

Traçando, inicialmente, o perfil dos trabalhadores da construção civil na cidade de João Pessoa, nota-se que é predominante o trabalho masculino, compreendendo 99% do número total dos mesmos, fato que ocorre pelos intensos esforços físicos exigidos na área.

Outra característica dos trabalhadores da cidade em questão é a média de idade dos mesmos, de 34 anos, considerada velha, o que preocupa por ocorrer perda da capacidade de trabalho devido a exigência de esforços já citada. A maioria dos trabalhadores mostra ainda possuir de 1 a 5 anos de experiência na área, ou seja, baixa experiência, o que indica a grande rotatividade de trabalhadores que, de acordo com Santos (2005), é gerada por más condições de trabalho, falta de perspectivas, baixa remuneração ou mesmo contratação temporária.

Quanto à qualificação profissional, cerca de 74 % dos trabalhadores, principalmente os mais jovens, afirmam ter recebido treinamento direcionado, o que manifesta uma tentativa de mudança na forma de trabalho da área na atualidade. Essa alteração comportamental reflete na segurança e bem-estar do trabalhador, se tornando ainda mais importante ao verificar o fato de que a área de atuação mais executada é o trabalho em altura.

O equipamento mais utilizado pelos trabalhadores é o capacete, por ser mais notório. Já o menos utilizado, mesmo sendo essencial ao trabalho em altura, é o cinto de segurança, pouco usado devido a incômodos que o mesmo causa.

Segundo Montenegro e Santana (2012), devem ser fornecidas orientações sobre os equipamentos de proteção e sobre as atividades, juntamente com treinamentos sobre os EPI's, melhorando a compreensão dos trabalhadores do funcionamento dos mesmos. Assim como cita Pelloso e Zandonadi (2012), tais atividades devem ser realizadas com certa frequência devido à rotatividade de funcionários e ao baixo grau de instrução dos mesmos. Investindo nesses programas, a empresa qualifica seu trabalhador e diminui o número de acidentes.

No entanto, mesmo com os treinamentos, muitos trabalhadores ainda deixam de utilizar os EPI's em alguns momentos, sendo esse fato causado por incômodos gerados, pelas dificuldades em certas atividades ocasionadas pelo uso dos mesmos, ou pelo excesso de confiança, principalmente dos empregados mais antigos. Muitos, ainda, utilizam o equipamento unicamente para não sofrerem reclamações por parte da fiscalização, e não por julgarem necessário.

A fiscalização cabe tanto a empresa como ao Ministério do Trabalho e Emprego (MET). A junção desta com a conscientização dos empregados pode evitar muitos acidentes. Tal consequência foi observada a partir da implantação do sistema nas construtoras locais.

De acordo com Coltre (2011), os trabalhadores dessa área estão expostos a um ambiente insalubre, contaminado por agentes físicos, químicos e biológicos, podendo desenvolver doença ou gerar graves acidentes, fato explicitado por 48 % dos entrevistados, que afirmaram já ter sofrido algum tipo de acidente. No entanto, estes ainda são causados, em sua maioria, pela falta do uso de EPI's.

Diante do quadro em questão, para Montenegro, Santana (2012), o trabalhador aceitará mais os EPI's, quando os mesmo forem mais confortáveis, devendo ser práticos e duradouros, para que não haja a retirada dos mesmos, durante as atividades, devido algum desconforto.

Para a maioria dos entrevistados, 45% deles, a falta de informação sobre o EPI é a causa para o alto índice dos acidentes. Para Santos et al (2012), tal dificuldade, mesmo com treinamentos, pode ser causada pelo baixo nível de instrução, fruto dos segmentos populacionais de origem dos mesmos, o que reforça a necessidade da constância dos programas.

O tipo de acidente mais recorrente (47%) entre os trabalhadores são os cortes nas mãos ou dedos, causados pela não utilização de luvas. Outro acidente muito relatado, e bem mais grave, é a ocorrência de quedas de altura, sendo necessário o afastamento do operário do ambiente de trabalho. No entanto, o número de acidentados que precisaram de afastamento por acidentes é considerado

baixo, apenas 27%. Esse fato indica que a maioria dos acidentes nesses ambientes podem ser considerados leves. O afastamento de um operário afeta tanto ao mesmo, pelo sofrimento da recuperação, como para o dono da obra devido a perda da mão de obra e de tempo.

### **Conclusões**

Os trabalhadores da construção estão, constantemente, expostos a condições de riscos, fazendo com que essa área seja elencada como uma das atividades com maior número de acidentes ocorridos no trabalho. Tal fato está ligado, primordialmente, a atos inseguros dos operários, principalmente a não utilização ou uso incorreto dos equipamentos de proteção individual (EPI), seja pelo desconforto causado pelos mesmos, ou pela falta de informação necessária dos operários. Para amenizar a falta de informação, é necessária a implantação de um processo de reeducação sobre segurança do trabalho, devendo ser realizado frequentemente, pela empresa ou pelo governo, podendo ser executado por meio de palestras, orientações e treinamentos. A necessidade de constância se dá pela grande rotatividade e também pelo baixo nível de instrução dos trabalhadores, que dificulta o rápido aprendizado.

O objetivo da segurança do trabalho é evitar danos à vida dos trabalhadores em sua área de atuação, desenvolvendo ações de proteção a fim de garantir uma melhor qualidade de trabalho. O trabalho mostra que as empresas de construção da cidade de João Pessoa-PB estão implantando treinamentos de qualificação para seus funcionários, no entanto, ainda permanece a alta falta de informação, o que segundo os entrevistados, é a causa do elevado índice de acidentes. Assim, há a necessidade de atividades mais didáticas, a fim de facilitar a aprendizagem dos trabalhadores e, assim, diminuir o número de acidentes.

**Palavras-Chave:** Segurança, Treinamento, Acidentes

### **Referências**

BRASIL. CAGED. **Saldo de Empregos na Construção Civil (Janeiro a Junho/2016)**. 2016. Disponível em: <[www.caged.gov.br](http://www.caged.gov.br)>. Acesso em: 21 set. 2016.

COLTRE, J. C. **SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO: A PREVENÇÃO DE ACIDENTES NA CONSTRUÇÃO CIVIL**. 2011. Campo Mourão, 2011. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1668/1/CM\\_COMAC\\_2011\\_2\\_01.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1668/1/CM_COMAC_2011_2_01.pdf)>. Acesso em: 01 de Outubro de 2016.

MONTENEGRO, D. S.; SANTANA, M. J. A. **Resistência do Operário ao Uso do Equipamento de Proteção Individual**. Disponível em: <[http://info.ucsal.br/banmon/Arquivos/Mono3\\_0132.pdf](http://info.ucsal.br/banmon/Arquivos/Mono3_0132.pdf)>. Acesso em 13 de outubro de 2016.

PELLOSO, E. F.; ZANDONADI, F. B. **Causas da Resistência ao Uso do Equipamento de Proteção Individual (EPI)**. Disponível em: <<http://www.segurancaotrabalho.eng.br>>. Acesso em: 31 out. 2016.

SANTOS, G. F. **Avaliação da Remuneração da Mão-de-obra na construção civil de pequeno porte**. 2005. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/440B46A5CAC8373803256FA500633666/\\$File/NT000A3B2A.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/440B46A5CAC8373803256FA500633666/$File/NT000A3B2A.pdf)>. Acesso em 02 de Outubro de 2016.

SANTOS, I. E. R. et al. Levantamentos das condições de segurança no trabalho em um canteiro de obras em Aracaju, Sergipe. **Scire Salutis, Aquidabã**, v.2, n.1, p.35-48, 2012.